

ENTRE O NOMADISMO E O SEDENTARISMO

OS CIGANOS CIRCENSES

Heloisa Pires Lima*

Rosana Fernandes**

Tendo como base o depoimento de um cigano circense, este artigo propõe-se levantar, para reflexão, algumas questões sobre o nomadismo no contexto urbano.

Para entender a relação ciganos/circenses em São Paulo, entre 1994 e 1996 foi acompanhado o cotidiano do patriarca de uma família que afirma ser de origem cigana e cujo círculo familiar mantém vínculos estreitos com atividades circenses. Fomos encontrá-lo pela primeira vez num espaço à beira da marginal Tietê, perto do prédio do jornal "O Estado de São Paulo", tão paulistano e corriqueiro como as cantoneiras que se formam às margens da cidade. Trata-se de José Antônio Sbano, viúvo, 73 anos e cinco filhos.

De fora não se avistava o terreno onde estavam instaladas várias famílias ligadas ao mundo dos espetáculos circenses e de parques de diversões: trailers espalhados, toldos circenses e até um bar sob uma estrutura arejada de lona garantiam a estranheza do lugar, calmo, com uma estética peculiar de muitas cores completada com alguns pôneis soltos num ralo pasto.

Procuramos por "seu" Sbano, e logo descobrimos que ele era também o "Zurca" ou o "Capitão". Encontramos sua barraca bem em frente ao telefone público comunitário. A cobertura era de lona mas, havia uma cerca de ferro com portão na entrada que dá acesso a uma ampla área, um pouco varanda, um pouco quintal. Longas cortinas de seda fina separavam a parte interna, que servia de morada, do espaço destinado a oficinas de metais onde se produzem os tachos de cobre. Escuta-se uma conversa alta, e aparece um senhor de chapéu na cabeça que garbosamente nos cumprimenta, desculpando-se pelo atraso.

A identidade cigana é orgulhosamente

reafirmada logo nesse início de conversa.

"Eu sou da raça Kalderash, ciganos que sabem lidar com os metais. Sou do grupo Rom e também de outro grupo, o Tchucarest. Havia entre meus tataravós, um cigano de muito valor chamado Tchuco. Adotaram o nome dele para o grupo. Nasci em Guaratinguetá. Meu pai fazia SP-RJ vendendo utensílios de metal, latões de leite...quando o avô morreu e o restante da família foi para a Itália."

Fomos descobrindo em Sbano um ator com um currículo de atuações em peças teatrais e até filmes da Vera Cruz da década de 50, revelando uma identidade cigana aberta para convívios com não-ciganos. Filho de pai e mãe ciganos, conta que certo dia o pai chamado para soldar as folhas de zinco de um circo, acabou trabalhando como artista iniciando-se a tradição de sua história circense. Mas, distingue-se dos "Boiashe" que são, segundo sua afirmação, os ciganos de um subgrupo Rom que têm como tradição a arte de espetáculos.

Em quase todas as entrevistas observou-se uma estreita relação na percepção do entrevistado, entre ser cigano e ser circense. Para ele:

"O modo de vida é igual, a depreciação da pessoa sempre foi igual. Diziam que cigano roubava criança. No circo a mesma coisa. Diziam que dava azougue pra criança. Ignorância. Diziam que quebrávamos os ossos das crianças pra fazerem contorção."

Sobre circos ciganos Sbano afirma ter sido proprietário de um, tendo administrado um outro circo teatro com um pavilhão volante de 410 folhas de zinco que media 25 por 16 metros onde montava peças populares por todo o interior. Cita o nome de vários circos ciganos, sendo os mais conhecidos:

"O circo Tihany, o Circo Norte-Americano famoso por uma tragédia no Rio de Janeiro, onde pegou fogo matando muitas crianças. Orlando Orfei é cigano da raça Cinto."

Naquele ano de 1994 havia na cidade de São Paulo dois grandes circos. O "Circo do México" que o entrevistado afirmava ser de ciganos e o "Moscou" que pertenceria a uma de suas filhas.

Norma, a filha mais velha nasceu em Mauá "dentro de uma barraca". Ela continua junto com o marido na administração do circo Moscou, recentemente vendido ao empresário Beto Carreiro. Marcelo nasceu em Suzano e trabalha no circo da irmã, além de ser professor em escola de circo. Silvia nasceu em Ribeirão Pires sendo que no período das entrevistas, era coordenadora da área de circo da Secretaria de Estado da Criança, cargo que deixou para seguir com o Moscou como artista, em apresentações pelo Brasil. Eduardo nasceu em Caxingui, e acompanha com toda a sua atual família os espetáculos do Beto Carreiro. Um quinto filho faleceu em cena num circo aos dezoito anos.

A história da família Sbano revela uma vida nômade atrelada ao circo como condição de existência material. É provável que a profissão se legitime através da etnicidade. A dubiedade do simbolismo envolvido e reunido em torno da identidade cigana e circense orienta e faculta uma especialização que está assegurada na tradição assim como ser circense torna-se uma adaptação ao nomadismo cigano.

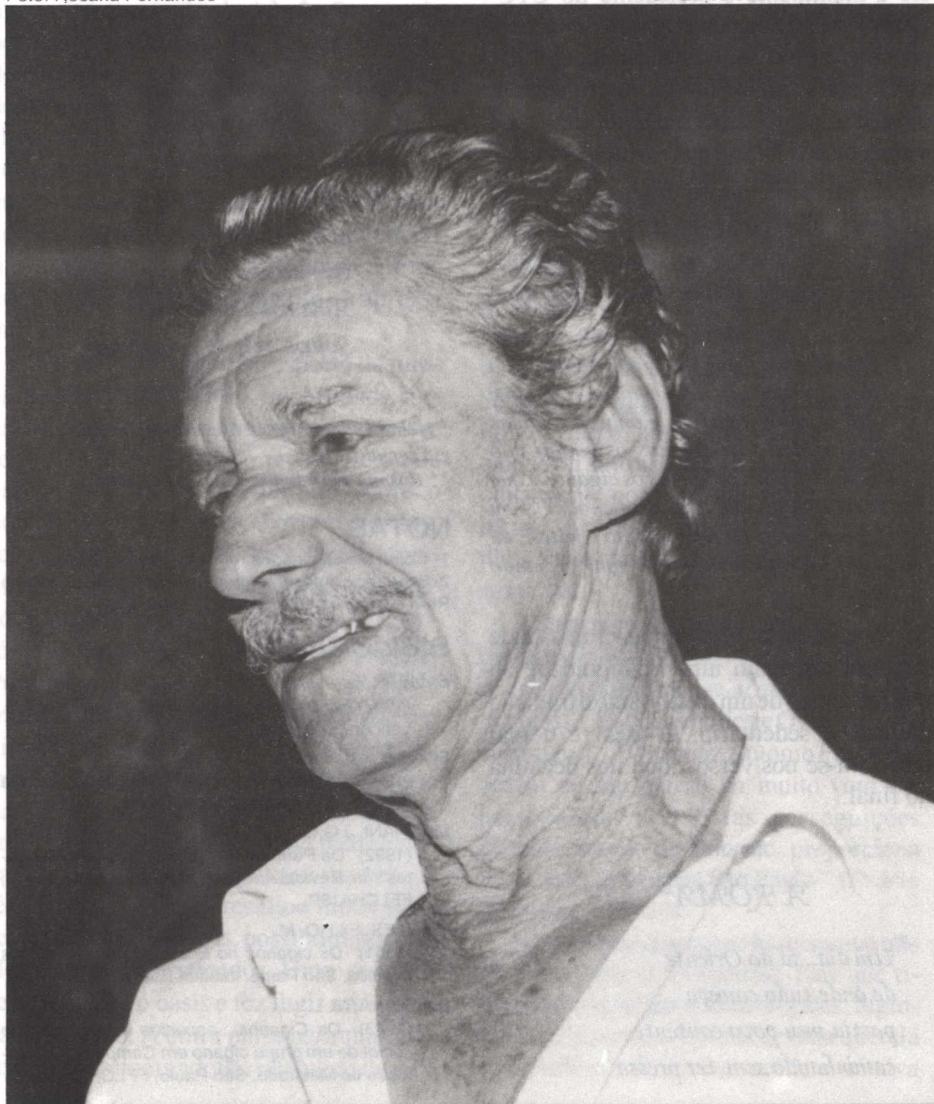
"Os ciganos sempre estão procurando novas praças. Praça esgotada, ele muda. Uns negociam tapetes persas. Os Mashinaia, a leitura da mão. Os Calons, nesses jardins, nessas gramas que ficam nas marginais antes negociavam cavalos, hoje automóveis usados. Os Kalderash, o cobre."

CIGANO SEMPRE QUIA A TERRA PARA PASSAR

A casa, o trabalho e origem são expressões dos aspectos vinculados à relação com a territorialidade e com o nomadismo. Da visão de nosso entrevistado emerge uma filosofia de vida, talvez na forma de uma elaboração ideal, mas construída com traços poéticos.

“Viajando, o cigano ganha dinheiro. Mas, também porque a estrada exerce um fascínio. Cigano sempre quis a terra pra passar. Porque gosta de natureza. O conforto estraga a pessoa, acomoda. Não é bom para a saúde. Nem sempre a sofisticação enche o coração. Só as vistas. Não existe comida gostosa se você não tem fome. Não senti a falta então não pode sentir o gosto. É preciso que falte para que a posse tenha valor.”

Foto: Rosana Fernandes



Sr. Zurca Sbano durante entrevista

As estratégias de sobrevivência na itinerância criam ou se aproximam de atividades afins. Há todo um conjunto de normas, valores e aceitações que parecem favorecer esta particularidade. Ser cigano legitima ser circense. Ser circense possibilita um modo cigano de ser. Também o exercício de atividades como a dança, o contorcionismo, o adestramento de animais selvagens da tradição circense, complementam-se com atrações que envolvem novos recursos tecnológicos. Outro ponto importante como estruturação da vida material apresenta-se no jogo das hierarquias sociais tipicamente capitalistas:

“Cigano nunca é empregado, cigano é patrão. Quem trabalha por conta é patrão, empregado não... não se sujeita... Agora, no circo, como artista, ele pode, porque ele não é empregado. Empregado é o que

arma o circo, faz limpeza... No picadeiro não. Quem manda é ele. É o dono do seu número e não admite de outro mandar nele, não. Então, ele não é um empregado, né? Mas, geralmente ele é dono de circo.”

O espaço de um circo-picadeiro caracteriza-se pela circularidade de artistas vindos de todos os lugares do país, do continente, do mundo. Geralmente se conhecem, partem e voltam a se encontrar de tempos em tempos sob a mesma lona. Trata-se de uma estrutura dinâmica que administra uma internacionalidade, e o valor estaria na qualidade das atrações. Estaria o artista sobreposto à condição de ser cigano? O fato é que nesse caso observamos um certo status diferenciado na valorização de algumas atrações pela referência de serem da Romênia que, no imaginário atual, evoca a origem dos ciganos.

O ser circense também constitui uma vantagem para algumas situações legais:

“O cigano pode estar no circo, aí é diferente. Ninguém precisa saber que ele é cigano... eu estou aqui no terreno como dono de circo. Como cigano não poderia estar com barraca aqui.”

O uso do terreno onde está instalada a barraca do “seu” Sbano, havia sido autorizado pela prefeitura para moradia de famílias ligadas ao circo e parque de diversões. Depois foi invadido, tornando-se uma grande favela com moradores não artistas, fomentada pela grande crise habitacional dos últimos anos. Esse local foi uma conquista que passou até pelo auxílio da Igreja, incluindo aí uma carta do Vaticano como resposta de outra enviada por Sbano.

Refere-se também a uma lei de proteção feita por Getúlio Vargas:

“Por lei o cigano não tem proteção mas, no circo... tem uma lei que protege o artista de circo. Desde Getúlio, toda a escola é obrigada a aceitar filhos de circenses e de parques de diversões. Se não tiver vaga, ela tem que aumentar uma carteira escolar. Antes de Getúlio não tínhamos profissão. Artista não tinha carteira de trabalho. Foi ele que nos tirou da marginalidade.”

Sobre a situação brasileira conclui que é bem melhor para os ciganos do que a européia. O racismo contra eles aqui também seria menor:

“Os gadjê não gostavam de nós. O cigano era tão discriminado que se ficasse doente, médico não tratava. Meu avô contava, ele fazia da França à Espanha pela estrada do La Plata, e eram apedrejadas as carroças...era a diversão dos camponeses. Não eram carroças bonitas como pintam, é gente pobre; cigano era pobre, né, não podia nem trabalhar. Hoje não. No Brasil, não. O país ainda é um paraíso pra nós. Mas também, ele sabe encantar. Quando vieram da Europa para a América do Sul, nos navios o comandante quando descobriu que eram ciganos mandou jogar tudo no mar. Mas, a viagem demorava muito e eles eram alegres, cantavam, dançavam, divertiam e assim, chegaram!”

Quase todo o discurso recoloca a alegria como compensação para as dificuldades históricas como população marginalizada inserida em uma sociedade maior. Este é o amálgama explicador do vínculo em destaque. É aí que a associação com nômades circenses é sobreposta pois construir o cotidiano com alegria é uma necessidade e uma arte:

“Por onde passam, deixam a alegria.”

Ser cigano e artista-circense significa reproduzir diariamente o ato de encantar, seduzir, envolver. Ser mais hábil num sistema de sinais e códigos que se expõem e se escondem numa mesma fronteira.

A SEDENTARIZAÇÃO

O circo parece dar a amplitude necessária a um dos modos de vida cigana ou vice versa. Na família Sbano há um grande número de netos e bisnetos trabalhando em atividades circenses. Os circos tradicionais apresentavam espetáculos compostos por famílias inteiras, dos avós aos netos, em apresentações conjuntas. Porém é relevante anotarmos algumas alterações desse quadro.

Escolas de circo têm se difundido na cidade como iniciativas públicas e privadas. A atividade atrai os artistas circenses como instrutores. A própria pedagogia, a estrutura para a aprendizagem modifica-se como a própria relação de trabalho onde estes são empregados e remunerados mensalmente. Este é um elemento fundamental para uma sedentarização da atividade.

Na opinião de Sbano houve uma relativa sedentarização dos ciganos. Segundo ele:

“O cigano se sedentarizou. Não que ele quisesse. É a própria sociedade que eu vejo como um cinto de ferro fechando, fechando o cigano com suas tradições, fechando tudo...Só que eles têm as leis deles sempre, né? Ele respeita a lei social mas...O cigano se relaciona com o gadjê. Agora quando ele é cigano, tá na barraca, aí ninguém entra na relação. É entre ciganos.”

A etnicidade permite e refaz as andanças.

“Só que antigamente o cigano não tinha rastro. Hoje, sabe esses ciganos de Campinas? Eles têm mansões e têm barracas. A casa tem oito ou dez banheiros. Todo mês sobem na caminhonete, vão negociando, atravessam fronteiras, ganham dinheiro, trazem a caminhonete cheia de tudo.”

Mas, como ele mesmo diz, o cigano é um mar, um mistério que não tem ciência que entenda. Resta-nos ainda contar que ele é atualmente o presidente do CTC-Centro de Tradições Ciganas, que bem poderia ser centro de tradições circenses. Ele está ligado à União Romani Internacional, uma entidade política com representação e força política na Europa, principalmente.

Há um projeto a se desenvolver com circos-escolas, circos-teatros, circos-pica-deiros, com ensino de danças ciganas, culinária cigana, festas ciganas abertas a todos:

“O projeto é fazer um lugar de lazer. O típico é um modo de amenizar o choque entre ciganos e gadjês. Conheço as duas culturas. Para os ciganos os gadjês não têm valor e para os gadjês os ciganos é que não têm. A idéia é tirar esse choque. Tem cigano e gadjê de tudo quanto é jeito. E eu quero incentivar o que é bom pra todo mundo.”

A terra, a casa, o nome, a atividade circense carregam uma ambiguidade ao mesmo tempo de um dinamismo e tradição nômade e sedentária. O ideal e o real mesclam-se nos versos que nos declama no final:

À ROMÁ²

*Um dia...lá do Oriente
de onde tudo começa
partiu meu povo contente
caminhando sem ter pressa*

*Quando partiu...ninguém sabe,
Por que partiu?... ninguém diz
Partiu... quando deu vontade
Por que partiu? Porque quis*

*Então aqui aparecemos
sem nunca saber quem somos
nosso passado esquecemos
só interessa o que somos*

*Quem diz que Pátria não temos
engana-se de uma vez
A nossa Pátria sabemos
É maior que a de vocês*

*Sua Pátria é um país somente
A nossa é toda essa terra
Que Deus nos deu de presente
Por nunca fazermos guerra*

*Somos um povo que canta
Feliz por saber viver
O pôr do sol nos encanta
Amamos o amanhecer*

*O ontem sempre é passado
Amanhã sempre o futuro
Vivemos despreocupados
o hoje: que é mais seguro*

*E assim sempre de partida
Ora no campo, ora na cidade
Amamos a nossa vida
Somos reis da Liberdade!*

(Zurca Sbano)

* Heloisa Pires Lima é Mestranda em Antropologia social/USP.

** Rosana Fernandes é Cientista Social.

NOTAS

- 1- Como esses ciganos referem-se aos não ciganos.
- 2- Segundo o autor dos versos, o termo deriva do tronco Rom e significa etnia cigana; nossa raça.

BIBLIOGRAFIA

- BALIBAR, F.
(1992) *Race, Nation, Class, Ambiguous Identities*. London, Ed. Verso.
- FONSECA, Isabel
(1996) *Enterrem-me de pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo, Cia das Letras.
- MAGNANI, J.G.C.
(1992) "Da Periferia ao Centro: Pedacos e Trajetos". In: *Revista Antropológica*, São Paulo, vol.35, FFLCH/USP.
- MORAES FILHO, M.
(1981) *Os ciganos no Brasil e cancionário dos ciganos*. São Paulo, Itatiaia/ Edusp.
- SANT'ANA, M. L.
(1983) *Os Ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, FFLCH/USP.